

O fluxo migratório Brasil-França na “era da mobilidade”

Resumo

O contexto contemporâneo vem sendo atravessado por uma série de transformações sociais que exercem impacto sobre a intensidade e as formas de mobilidade das pessoas, com implicações para o entendimento dos fluxos migratórios internacionais atuais. Este artigo aborda o tema da imigração brasileira na França nas últimas décadas. Partindo do reconhecimento desse cenário, busca ancoragem em contribuições analíticas que tentam fazer frente aos desafios que se impõem ao estudo das migrações. Para tanto, consideram-se os efeitos da “mundialização” dos deslocamentos, a proliferação de novas formas de mobilidade e a presença concomitante de diferentes perfis de migrantes e de modalidades migratórias na composição dos fluxos. Os migrantes foram identificados através de uma pesquisa de campo realizada na França, na qual foram entrevistados 84 brasileiros que viviam naquele país. O material oriundo dessa incursão serve de orientação para uma reflexão em torno dessas migrações e dos processos sociais que as engendraram.

Palavras-chave: Migração internacional; Determinantes da Migração; Emigrantes-Brasil; Imigrantes-França.

Gisele Maria Ribeiro de Almeida

Doutora em Sociologia pela
Universidade Estadual de
Campinas - Brasil.
gimralmeida@gmail.com

Para citar este artigo:

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. O fluxo migratório Brasil-França na “era da mobilidade”.
Revista PerCursos. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 62 - 94. jan./jun. 2014.

DOI: 10.5965/1984724215282014062

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724215282014062>

The migratory flow Brazil – France in the “age of the mobility”

Abstract

The contemporary context has been traversed by a series of social transformations that have an impact on the ways and the intensity of people mobility, with implications to the analysis of international migratory flows. This article analyses the Brazilian immigration in France on the last decades, starting with the acknowledgement of that panorama and thus basing itself in analytical contributions that aim to tackle the phenomenon. In such effort, the effects of the “globalization” of the displacements, the proliferation of new forms of mobility and the simultaneous presence of migrants of different profiles and of distinct migratory modalities in the composition of the flows are all considered. The migrants were selected through a field research done in France with 84 Brazilians that lived in that country. That material was used as the guideline for the analytical reconstruction of these migrations and of the social processes that put them into gear.

Keywords: International migration; migration determinants; emigrants-Brazil; immigrants-France.

Introdução

A ideia de que vivemos atualmente em uma “era da mobilidade” baseia-se em autores que enfatizam o movimento para o entendimento da dinâmica social atual como, por exemplo, destacam Cortès e Faret (2009) e Urry (2000). Cortès e Faret (2009) falam de uma “ordem das mobilidades”, ou de “lógicas da mobilidade”, um cenário marcado por uma “turbulência de paradigmas” em que a mobilidade se torna cada vez mais imbricada nas práticas migratórias. Por outro lado, Urry (2000), que não trata do fenômeno migratório em particular, coloca as questões da mobilidade, da circulação e do movimento estruturantes da dinâmica social contemporânea, substituindo o papel que antes cabia às estruturas e às organizações sociais estáveis.

Os pesquisadores que se dedicam a refletir sobre o tema das migrações estão se mostrando cada vez mais preocupados com esse ambiente e estão manifestando inquietações que se evidenciam na busca por novos conceitos e novas abordagens. Assim, estão sendo discutidas e elaboradas ferramentas analíticas mais aptas para dar conta dos fenômenos migratórios contemporâneos (ALMEIDA e BAENINGER, 2013; MENEZES; 2012).

A maior complexidade no âmbito das migrações advém, em grande medida, das transformações nas relações espaciais e temporais que delineiam um mundo marcado pela mobilidade (de capital, mercadorias, pessoas, informações), que impactam a mobilidade humana em geral (URRY, 2000), com efeito sobre as migrações internacionais, tanto no que diz respeito à intensificação dos fluxos internacionais de pessoas, como também no que se refere aos “lugares” relativos aos percursos migratórios e às formas de instalação dos migrantes (CORTES e FARET, 2009; DIMINESCU, 2009; TARRIUS, 1993).

Na “era da mobilidade”, as pessoas se têm deslocado em função de motivações diversificadas, que podem estar ligadas a estudos, a exigências profissionais, a condições laborais ou ainda a lazer. Do ponto de vista dos fluxos migratórios, este cenário tem favorecido a diversificação dos destinos dos migrantes que estabelecem criativamente novas conexões ao inaugurarem rotas migratórias. Como resultado, lugares que a

princípio estariam distantes, tornam-se próximos, ou pelo menos se tornam mais facilmente “conectáveis”. Ao mesmo tempo, os perfis de migrantes são heterogêneos e suas formas de instalação apresentam-se cada vez mais multifacetadas.

O presente artigo analisa a imigração brasileira na França após 1980 e, como será argumentado, o fluxo de brasileiros para o referido país possui um histórico particular que fomentou uma visão (de certa forma estereotipada) de que os imigrantes brasileiros que lá viviam faziam parte de uma elite. No entanto, uma pesquisa recente revelou uma composição bastante diversificada em relação aos perfis de migrantes e às modalidades migratórias que compõem o fluxo. Paralelamente, tal fluxo, apesar de ser numericamente modesto, se comparado ao de outros destinos da emigração brasileira, apresentou tendência crescente nos últimos anos.

Neste sentido, o artigo apresenta uma reflexão em torno do fluxo migratório contemporâneo de brasileiros para a França partindo do reconhecimento de que vivemos numa época marcada por intensa mobilidade, na qual motivações individuais e possibilidades estruturais engendram processos sociais e viabilizam processos migratórios que variam em função do perfil do migrante e da modalidade migratória.

1. A emigração brasileira com destino à França

A crise econômica que assolou o Brasil nos anos 1980 impactou o nível de emprego e as condições de vida da população, reverberando em fluxos inéditos de emigração no País. O fenômeno emigratório teve caráter inovador porque, historicamente, as migrações internacionais assumiram um sentido inverso no Brasil, servindo para a formação socioeconômica de país reconhecido por sua “vocaçãõ” receptora (PATARRA e BAENINGER, 1995).

No início, os países que mais receberam brasileiros foram, principalmente, os Estados Unidos, o Japão e Portugal¹. A eleição dos Estados Unidos como destino principal explica-se, em grande medida, por sua forte influência cultural sobre o Brasil e pela

¹ Há um fluxo específico direcionado ao Paraguai, particularmente ligado a uma dinâmica de fronteira (PALAU, 2001).

difusão generalizada de um imaginário em torno do “sonho americano” (SALES, 1991). No caso do Japão, tem-se o movimento de refluxo da imigração japonesa, viabilizado pelo interesse japonês em receber descendentes para suprir a sua falta de mão de obra (SASAKI, 1999). Portugal foi e ainda é um destino importante, um exemplo de fluxo típico de “dupla migratória”, resultante de vínculos coloniais (BÓGUS, 1995).

Estes três países absorvem ainda, no final da primeira década do século XXI, segundo as estimativas do Ministério das Relações Exteriores (MRE), mais da metade dos emigrantes brasileiros. Todavia, seja em função da intensificação do processo de mundialização, seja pela própria evolução dos processos de mobilidade humana, assiste-se atualmente à figuração de “novas lógicas migratórias” (DUMONT, G., 2006). Esse novo contexto também se manifesta no caso da emigração de brasileiros, cuja presença tem crescido em países nos quais os elos que ligam origem e destino são menos evidentes, como é o caso da França e do próprio espaço de livre circulação europeu (ROSENFELD et al., 2009).

De acordo com o MRE², havia 30 mil brasileiros vivendo na França em 2008, 60 mil em 2009 e 80 mil em 2010. O Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicou que dos 491.645 emigrantes brasileiros no exterior, 17.743 residiam na França. Apesar de esses dados não contemplarem os casos em que a família inteira migrou (pois a pergunta do referido censo é se existe algum membro da família residindo no exterior), os números revelam uma tendência de distribuição e indicam que 3,6% dos emigrantes estão na França (IBGE, 2011).

Do ponto de vista da sociedade de acolhimento, é irrisória a participação dos brasileiros no que se refere ao total de estrangeiros e imigrantes na França (menos de 1% de acordo com os dados do *Institut National de la Statistique et des Études Économiques* (Insee). Não obstante, entre os estrangeiros e imigrantes na França com nacionalidade latino-americana, os brasileiros têm posição de destaque, sendo, deste segmento, a segunda nacionalidade mais representativa em todos os anos em que esses dados foram

² Ressaltem-se os limites estatísticos destes números, posto que resultam de estimativas realizadas pelas embaixadas e pelos consulados do Brasil sobre a presença de brasileiros vivendo em suas jurisdições.

divulgados, a saber: 1982, 1990, 1999 e 2008. Em 2008, os brasileiros eram um quinto da população latino-americana na condição de estrangeiros e imigrantes na França.

Imigrantes, conforme a definição do Insee, são os brasileiros que vivem na França, nascidos no Brasil e que obtiveram a nacionalidade francesa. Estrangeiros são os brasileiros que moram na França e não possuem a cidadania francesa. Os imigrantes brasileiros naturalizados franceses eram 5.300 em 1982 e 25.000 em 2008. O número de brasileiros estrangeiros (os que vivem na França e sem a cidadania francesa) também apresentou crescimento: 3.800 em 1982 e 14.000 em 2008. Ou seja, apesar de ser uma população numericamente pouco expressiva, mostrou sinais de crescimento significativo nas últimas décadas. Além disso, no contexto do aumento dos fluxos de indocumentados, é possível inferir que o número real dos que vivem na França é superior ao indicado pelos dados e estimativas oficiais.

2. As migrações internacionais contemporâneas

Para Simon (2008), a realidade atual evoca uma mundialização dos fluxos migratórios, isso porque assistimos atualmente ao surgimento e à diversidade de correntes migratórias, de forma que o fenômeno pode ser percebido no mundo todo, envolvendo fluxos regulares e indocumentados.

Outro aspecto que explica esse caráter global é que as origens geográficas dos migrantes se diversificaram. O aumento na distância dos deslocamentos reforça a questão dos espaços de trânsito. Há países que se tornaram parte das rotas migratórias em função de suas localizações estratégicas, normalmente regiões de fronteira dos destinos-alvo, como o caso do México, em relação aos Estados Unidos, e do Marrocos, em relação à Europa (SIMON, 2008). O alargamento das regiões envolvidas nas migrações, somado ao problema da implementação de mecanismos de controle mais eficientes e de políticas migratórias mais restritivas, engendrou espaços de trânsito importantes como, por exemplo, a França, que se tornou passagem para migrantes a caminho da Grã-Bretanha.

Esse posicionamento de área de fronteira com o Reino Unido mostrou-se, de fato, importante para o crescimento da presença de imigrantes brasileiros na França. Isso foi anunciado pelos “informantes bem informados”, tal como denominou Margolis (1994) para se referir às pessoas que estão inseridas no universo de pesquisa. Segundo tais informantes privilegiados, a presença de brasileiros na França teria aumentado a partir dos anos 2000, principalmente após 2005. Num primeiro momento, isto se explicaria devido a fatores “acidentais”, já que a França se tornou rota de passagem para brasileiros que se dirigiam à Inglaterra. Na medida em que não conseguiam entrar na Inglaterra, ficavam em Paris ou arredores. No entanto, a permanência destes “pioneiros” foi consolidando redes nas quais potenciais migrantes encontram capital social que facilita deslocamentos e inserções na sociedade de acolhimento (FAIST, 2010). Dessa forma, há atualmente brasileiros que partem do Brasil decididos a ir especificamente à França.

Essa imigração “acidental” se explica pela estratégia dos emigrantes brasileiros em não “perder a viagem”. Quando são impedidos de entrar na Inglaterra pela barreira migratória e partiram do Brasil em voo direto para o Reino Unido, o procedimento-padrão é a deportação para o Brasil; mas quando entram através de outro país, como Portugal ou França, e destes países tentam ir para a Inglaterra, o que as autoridades inglesas podem fazer é “devolvê-los” ao país de saída. Quando vão de trem via Paris, o procedimento ocorre ainda em território francês na própria estação de onde partem os trens para Londres. Diversos informantes disseram ser essa a explicação para a origem dos estoques de imigrantes trabalhadores brasileiros na França, particularmente dos goianos. Esse tipo de atualização do projeto migratório (com redefinição do destino inicialmente previsto) apareceu em três entrevistas, casos nos quais o objetivo inicial dos migrantes era Londres e, não conseguindo passar pela imigração, ficaram na França.

Outro aspecto típico das migrações internacionais contemporâneas é que elas sobrepõem arranjos migratórios clássicos, como o do “casal migratório”, situação na qual se estabelecia um sistema migratório exclusivo, entre dois países, pelo menos do ponto de vista do país de origem (WIHTOL DE WENDEN, 2001). Exemplos de relações desse tipo são os casos dos mexicanos nos Estados Unidos, dos turcos na Alemanha e dos argelinos e marroquinos na França. No processo de emigração brasileira, isto se evidencia

na maior variedade de destinos. Conforme mencionado anteriormente, no início dos fluxos de emigração houve uma concentração de brasileiros nos Estados Unidos, Portugal e Japão. São países com os quais havia relações particulares que permitiram fluxos migratórios em um contexto de migração de pioneiros. Porém, nas últimas décadas, os destinos dos emigrantes brasileiros se diversificaram, tal como sugerem os dados do MRE. O aumento nos espaços de migração tende a instaurar “pontes” que podem assim ampliar as opções que se colocam aos migrantes e aos potenciais migrantes, particularmente na Europa, em função do espaço de livre circulação que se estabeleceu em seu interior.

Segundo Simon (2008), o espaço de livre circulação europeu agrega 400 milhões de cidadãos em um território de 3,6 milhões de km². Se a supressão de fronteiras facilita a circulação e a migração nesse espaço, Simon enfatiza o impacto disso para as representações dos migrantes e sua influência sobre a imigração na Europa. Apesar do endurecimento das políticas migratórias e do “fechamento” das fronteiras para os não europeus nos últimos anos, os fluxos de entradas de migrantes, no espaço Schengen, mantêm-se em torno de 1,5 milhão a 2 milhões de pessoas por ano (SIMON, 2008).

Neste sentido, a França tornou-se um potencial território de passagem, trânsito e instalação para os brasileiros que foram, estão ou vão para a Europa (ROSENFELD et al., 2009). Esse também é um dos motivos prováveis para o crescimento da presença de brasileiros no território francês, particularmente após o “11 de setembro” de 2001 nos Estados Unidos, que repercutiu em um aumento do controle nas fronteiras estadunidenses, vindo a criar maiores obstáculos para a imigração indocumentada naquele país (ASSIS, 2008).

Como aponta Wihtol de Wenden (2001), as novas mobilidades caracterizam-se por uma maior diversidade; as relações migratórias estão mais complexas pelo fim da proibição de saídas instituída pela Guerra Fria e pelos efeitos da mundialização que suscitaram novos fatores de atração e de esquemas migratórios que não correspondem mais à antiga migração de trabalhadores, nem aos laços tradicionais entre país de origem e de destino. Outro aspecto importante destacado por Wihtol de Wenden diz respeito à motivação para migrar: para os “novos migrantes”, os que apresentam “novos perfis”, os

fatores de atração seriam mais importantes para promover os deslocamentos do que os fatores de repulsão. Dessa forma, o imaginário, particularmente vinculado à busca de um “Eldorado”, tende a influenciar mais os potenciais migrantes, segundo a autora, do que fatores como pobreza ou desemprego.

Três décadas depois do início desse processo emigratório, as condições econômicas do Brasil melhoraram expressivamente. No entanto, isto não significou fim da emigração de brasileiros, pois o que se verifica no âmbito das migrações internacionais contemporâneas é uma combinação de “novos” e “velhos” fatores na promoção dos fluxos, um contexto no qual os fatores laborais e econômicos se conjugam a critérios de outra natureza no processo decisório que culmina na migração. Para ilustrar o que tento argumentar, mencionarei o caso do projeto migratório de Catarina. Ela deixou o Brasil aos 25 anos, em fevereiro de 2012, e foi para a França com o intuito de “ter mais experiência, aprender um idioma”, mas pelos motivos alegados por ela para justificar a migração, isso também queria dizer “ganhar dinheiro”. O caso de Catarina é um exemplo de como os fatores “*push-pull*” são limitados mesmo para se entender a migração laboral, pois ela saiu do Brasil em um contexto no qual o mercado de trabalho interno estava muito mais favorável do que na França³, que em 2012 sofria os efeitos da crise econômica europeia, sendo, inclusive, uma fase marcada pelo retorno de brasileiros (FERNANDES, NUNAN e CARVALHO, 2011)

De acordo com Gérard Dumont (2006), ainda que as causas dos movimentos migratórios atuais possam ser semelhantes às que predominaram no passado – associadas a dimensões político-religiosas, econômicas, demográficas e a casos de fatores diversos, com os quais se conjugam fatores de expulsão – teríamos de lidar hoje com o surgimento de “novas lógicas migratórias”, relacionadas à globalização, à internacionalização e à mundialização.

³ De acordo com a agência oficial de Estatísticas da União Europeia (Eurostat), em fevereiro de 2012, a taxa de desemprego da França era de 10%. No Brasil, no mesmo período, a taxa de desemprego era quase a metade, 5,7%, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE. Não localizei dados do Insee, agência francesa de estatística, para 2012, mas em 2011, a taxa de desemprego média calculada por este instituto foi de 9,2%, enquanto que no Brasil, a taxa estimada pelo IBGE foi de 6%. Se considerarmos que, em geral, estrangeiros e imigrantes apresentam taxas de desocupação ainda mais altas, os critérios objetivos que podem ser considerados em um “cálculo racional” por parte do migrante não corroborariam a decisão de emigrar do Brasil e imigrar na França naquele período.

Na distinção conceitual elaborada por Gérard Dumont, a globalização envolve o conjunto de decisões políticas, tomadas com o objetivo de minar as fronteiras políticas, facilitando à circulação de mercadorias, homens e capitais. Elas impactam diretamente as migrações internacionais à medida que criam novas possibilidades de movimentos populacionais. Em primeiro lugar, a livre circulação de mercadorias potencializa as migrações porque sua prática depende da existência de redes de trocas, que suscitam a prerrogativa econômica da mobilidade das pessoas (DUMONT, G., 2006). Tal aspecto também é destacado por Sassen (2010), quando aborda o papel das cidades globais, enquanto enraizamento local e material da globalização, como lugares estratégicos para a reprodução da economia global. Ao reconfigurar os lugares e as escalas, o funcionamento da economia global renova a ordem social e alinhava processos e espaços transnacionais, com repercussão, inclusive, sobre as migrações internacionais, que são, desse modo, partes da dinâmica social (SASSEN, 2010).

A globalização financeira também estimula as migrações, pois, ainda de acordo com Dumont G. (2006), viabiliza e facilita o envio de remessas, que se constituem em uma das principais motivações para milhares de migrantes internacionais. Ainda no âmbito da globalização, o autor menciona a construção de espaços de livre circulação, construção que facilita e promove as migrações no interior desses espaços. Este aspecto reforça, sem dúvida, a localização estratégica da França no continente.

A internacionalização também afeta as lógicas migratórias. Para Dumont G. (2006), a internacionalização refere-se às técnicas e aos processos que reduzem o espaço-tempo para as trocas, havendo duas fases da aceleração da internacionalização. Primeiramente, a partir de 1980, tem-se a intensificação da facilidade dos meios transportes com o “encurtamento” dos voos aéreos e o início da implantação dos trens de alta velocidade⁴. A segunda fase foi nos anos 1990, com a internet, o endereço eletrônico e o telefone móvel, que impactam a migração por facilitar e acelerar o acesso

⁴ Apenas para ilustrar os “ganhos” obtidos, segundo Dumont G. (2006), a duração do voo Paris (França)-Saigon (Vietnã) era de uma semana em 1933 e tinha 16 escalas; atualmente, o voo Paris (França) – Ho Chi Minh (atual Saigon-Vietnã) é feito em 12 horas e 35 minutos. A velocidade dos trens também encurtou significativamente as distâncias, pois os trens “comuns” trafegam a velocidades entre 100 e 200 km/h, enquanto os trens de alta velocidade o fazem entre 250 e 300 km/h.

às informações a potenciais migrantes e também porque permitem a manutenção dos laços com a origem por meio da comunicação a distância (DUMONT, G., 2006).

Quanto a isso, os grupos virtuais formados por imigrantes brasileiros na França, por exemplo, servem tanto para agregar essa população quanto servem como um espaço de troca de informações e de experiências, auxiliando a instalação de migrantes recém-chegados e municiando processos decisórios de potenciais migrantes.

As novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) também “encurtam” as distâncias e estabelecem novas percepções de espaço e de tempo. Elas transformam as relações espaço-temporais e inauguram novas possibilidades de mobilidade humana, constituindo um caráter fundamental da modernidade (HARVEY, 1992), que influencia e dinamiza as migrações contemporâneas.

Além disso, a própria dinâmica da emigração brasileira e os retornos tendem a configurar os mapas mentais dos migrantes e potenciais migrantes, estabelecendo proximidades e distâncias que podem guardar pouca relação com as referências de mapas geográficos (TRUZZI, 2008). A presença de mineiros e goianos na França, por exemplo, que chegam a Paris sem passagem pelas grandes cidades brasileiras, tal como foi observado durante a pesquisa de campo, é um exemplo notável de como a época contemporânea promove o delineamento de “mapas” particulares, que podem tornar a França ou a Inglaterra um lugar mais próximo (devido às redes sociais dos potenciais migrantes) do que lugares geograficamente menos distantes, no próprio País.

Do ponto de vista dos movimentos migratórios, estas mudanças são relevantes porque redefinem categorias como presença/ausência, aqui/lá, migrante/sedentário (DIMINESCU, 2009). De acordo com Dumont G. (2006), a internacionalização permite o desenvolvimento de “migrações reticulares”, como manifestação do “desenvolvimento de redes que anulam parcialmente a noção de fronteiras e permitem uma grande flexibilidade dentro da mobilidade” (DUMONT, G., 2006, p. 23, tradução nossa)⁵.

⁵ No original: “reposant sur le développement de réseaux qui effacent en partie la notion de frontière et permettent une grande souplesse dans la mobilité” (DUMONT, G., 2006: p. 23).

Depois da globalização e da internacionalização, a terceira causa para a emergência das novas lógicas migratórias tem como base o processo de mundialização, que evoca a dimensão econômica e as ações das grandes corporações, que passam a adotar estratégias mundializadas e adaptadas ao contexto da globalização e da internacionalização (DUMONT, G., 2006). A mundialização favorece as migrações internacionais, na medida em que estas organizações recorrem aos deslocamentos de profissionais para que eles possam criar as filiais de comercialização, as sociedades no âmbito da produção e as parcerias (DUMONT, G., 2006). Nesse mesmo sentido, Sassen (1993) aponta como a internacionalização da produção influenciou a mobilidade da mão de obra, estimulando fluxos migratórios principalmente entre locais ligados por relações econômicas como, por exemplo, pelos investimentos diretos estrangeiros. Em suma, as novas lógicas migratórias tendem a dinamizar os fluxos internacionais de pessoas, através da proliferação dos fatores e das motivações que justificam e facilitam os deslocamentos.

3. Migrações e imigrantes brasileiros na França

Para buscar a historicidade do fluxo, há que se recorrer às relações históricas entre o Brasil e a França. De acordo com Tavares (1979), até o século XIX, predominavam migrações no sentido inverso do fluxo aqui analisado, pois, naquele contexto, eram os franceses que vinham para o Brasil.

Ao longo do século XVI, o afluxo de franceses deu-se em função do projeto de se criar a chamada “França Antártica”, uma colônia francesa em terras brasileiras, que eram, na época, domínio da Coroa Portuguesa (TAVARES, 1979). O empreendimento, segundo Tavares, alcançou importantes êxitos iniciais; logrou a construção de um forte, mas o projeto foi completamente derrotado pelos portugueses em 1565.

O episódio serviu para aumentar o interesse da França pelo Brasil. Os relatos sobre o território “selvagem” brasileiro, que chegaram à França, onde tiveram grande repercussão na configuração do imaginário sobre “paraísos lendários”, principalmente devido às narrativas elaboradas a partir da experiência dos aventureiros-pensadores que

exploravam o “Novo Mundo” (CARELLI, 1994). Assim, houve um significativo interesse de franceses pelo Brasil.

No entanto, após a independência política do País, houve uma reorientação do fluxo. Após 1822, foram os brasileiros que seguiram para a França. Na maior parte dos casos, o objetivo desses migrantes era estudar nas universidades francesas. Houve até, de acordo com Tavares (1979), uma série de bolsas instituídas pelo governo brasileiro, cujo objetivo era financiar a formação de profissionais, capacitar quadros para ocupar os postos de trabalho criados com a nova estruturação política do País.

Paralelamente a isso, as ideias francesas continuaram se infiltrando em instituições e influenciando intelectuais brasileiros, como mostra a relevância que o positivismo, baseado no pensamento de Augusto Comte, teve para a instauração da República e na fundação de centros de pesquisa e de formação (CARELLI, 1994; SCHWARTZMAN, 1979).

Ainda que a influência comercial inglesa tenha sido sempre superior no Brasil oitocentista, a cultura francesa teve mecanismos próprios de difusão. Estudos históricos sobre a presença de franceses no Brasil no século XIX, em São Paulo (BIVAR, 2007) e no Rio de Janeiro (MENEZES, 2004), registraram que a França era tomada como um “modelo de civilização” e sinônimo de “luxo”.

Essa dimensão simbólica, principalmente em torno de Paris e de sua radiação cultural, pode explicar, ao menos em parte, a preferência das elites brasileiras pela França quando se tratava de viagens de lazer, tal como aponta Carelli (1994, p. 189): “Em 1900, a moeda brasileira era forte, graças à exportação de café, e os ricos proprietários de terras não hesitavam em dirigir-se a Paris com sua família para longas estadas”.

Ao longo do século XIX e começo do século XX, a presença de brasileiros na França era, em grande medida, composta por membros das elites, que iam para lá motivados por estudos ou lazer (ROLLAND, 2008; PEREIRA, 2009). Depois, na segunda metade do século XX, algumas dezenas de brasileiros, destacadamente intelectuais e artistas, buscaram refúgio político na França, no contexto da ditadura militar instituída em 1964 (ROLLAND, 2008). E, mais recentemente, brasileiros têm migrado para a França em busca de

melhores oportunidades, com o objetivo de estudar e/ou trabalhar (ALMEIDA, 2013; AMORIM, 2009; BÓGUS, 1995).

Se a historicidade das relações entre o Brasil e a França, particularmente no âmbito das relações culturais, evidencia um protagonismo de ideias francesas em algumas instituições brasileiras, particularmente de cunho acadêmico, tais “cruzamentos culturais” (CARELLI, 1994) ficaram impregnados em certos espaços, engendrando uma francofilia que promoveu – e até hoje estimula – um forte intercâmbio no âmbito acadêmico e intelectual. Essa dimensão histórica ilumina a compreensão de um fluxo duradouro e contínuo de estudantes brasileiros interessados nas universidades francesas.

Esse fluxo se mostra ainda dinâmico, como reforçam diversos trabalhos (ALMEIDA, 2012; MAZZA, 2009; XAVIER DE BRITO, 1991, 2009). Porém, o perfil “típico” do imigrante brasileiro na França não seria mais condizente com a composição atual dessa população, diante da proliferação de “novos” emigrantes e das novas formas de mobilidade que surgiram nas últimas décadas. Além da mobilidade estudantil, a pesquisa de campo realizada na França demonstrou que, particularmente após 1990, os brasileiros que lá viviam deslocavam-se em função de interesses (individuais) e possibilidades (estruturais) diversificadas, que envolviam dimensões de afetividade (migrações “por amor”), de profissão (mobilidade de competências, “fuga de cérebros” etc.), de trabalho (migrações por melhores condições de trabalho e/ou salários) e de “cosmopolitismo” (desejo de viajar, interesse por outras “culturas”, etc.).

Ainda que estudantes brasileiros continuem a ir para a França, os imigrantes que lá vivem apresentam um perfil pouco homogêneo, segundo uma pesquisa de campo realizada na França entre maio e outubro de 2012, ocasião na qual foram entrevistados 84 deles. Os resultados desse levantamento evidenciaram que o fluxo contemporâneo Brasil-França é composto por um “mosaico” de modalidades migratórias. Tais modalidades foram analiticamente engendradas a partir da leitura dos projetos migratórios (MA MUNG, 2009) e reconstruídas por meio do material obtido com as entrevistas semidirigidas, conduzidas junto aos tais imigrantes.

Dessa forma, a tipologia elaborada priorizou as motivações que estão na raiz dos projetos migratórios⁶. No total, foram configuradas cinco modalidades migratórias: 1. migração de profissionais altamente qualificados; 2. migração estudantil; 3. migração laboral; 4. migração afetiva e 5. migração “cosmopolita”. Em algumas dessas, as ramificações mostraram-se importantes para salientar certas nuances. Isto porque as migrações de profissionais qualificados abarcam tanto os quadros de gerência de organizações privadas multinacionais, que reverbera na “migração de executivos”, quanto à mobilidade de cientistas e pesquisadores. A migração de estudantes englobou uma parcela significativa dos entrevistados, mas a importância desta modalidade revelou que existem diversas formas de conceber e realizar os projetos que levam os brasileiros a ir estudar na França.

Ao mesmo tempo, cabe destacar que não se ignora a dimensão híbrida que atravessa estas construções. Há casos em que as motivações iniciais estavam atreladas ao estudo, mas a atualização dos projetos implicou inserção no mercado de trabalho ou então formação de família na França, com a realização de casamentos com cônjuges franceses, nascimento de filhos, entre outras situações.

Dessa forma, no que tange às modalidades construídas e considerando o universo dos 84 entrevistados, tem-se que: 6 entrevistados foram identificados como casos de migração de profissionais altamente qualificados; 20 imigrantes compuseram a migração estudantil; 23 casos evidenciaram aspectos associados à migração laboral; 28 entrevistados migraram “por amor”. Entre os casos de migração afetiva, 26 foram para lá ou se estabeleceram na França em função de um relacionamento com um cônjuge francês e 2, de brasileiras que migraram acompanhando seus esposos brasileiros. Por último, 7 imigrantes foram incorporados na migração cosmopolita.

⁶ A condição jurídica do migrante na sociedade de destino também poderia ser utilizada para a construção analítica dessas modalidades; no entanto, isso não foi feito, tendo em vista que a situação legal do migrante e da migração é, muitas vezes, resultado de sua trajetória e não expõe, em muitos casos, os contornos de processos sociais particulares que explicariam tais migrações. O agrupamento dos brasileiros que obtiveram a cidadania francesa, por exemplo, esconde uma diversidade muito grande de perfis e de modalidades migratórias. Por isso, optou-se pela configuração de modalidades de acordo com as motivações iniciais relacionadas ao projeto migratório e ao tipo de visto que esse imigrante tinha antes de se beneficiar de condições jurídicas mais estáveis.

3.1. Migração de profissionais qualificados

Enquanto as fronteiras nacionais estão cada vez mais fechadas para os trabalhadores ordinários, diversos países “disputam” profissionais qualificados através de políticas migratórias seletivas, baseadas em critérios de capital humano (DUMONT, J., 2006). A França é um dos países que adotam essas políticas seletivas, tendo como objetivo atrair profissionais qualificados, particularmente para sanar as carências do mercado de trabalho (WAGNER, 1998).

Na pesquisa de campo realizada, foram identificados dois perfis de trabalhadores migrantes qualificados: executivos e cientistas. Em geral, os executivos experimentam a chamada “migração de carreira” (TILLY, 1986), situações nas quais os indivíduos (e suas famílias) migram pelas oportunidades profissionais que surgem nas organizações nas quais eles já trabalhavam antes. Normalmente, a possibilidade de ir para outro país está ligada à inserção desses profissionais executivos em filiais de empresas multinacionais instaladas no País.

Entre as entrevistadas realizadas na França, houve apenas um caso de mulher como profissional executiva, que ocupava um cargo de direção no âmbito administrativo. Além dela, foram entrevistados dois homens, ambos engenheiros elétricos, que ocupavam cargos gerenciais ligados à produção.

No caso da mobilidade de cientistas, não se verifica a existência de um protagonismo das organizações, tal como se manifesta na mobilidade de trabalhadores qualificados vinculados às empresas multinacionais (VIDEIRA, 2013). Os cientistas parecem estar mais sujeitos aos deslocamentos em função de parcerias institucionais, da oferta de financiamento e de melhores condições de trabalho e de recursos para a pesquisa. Essas motivações apareceram em três casos de imigrantes brasileiros, enquadrados nessa categoria de cientistas. São duas mulheres (uma socióloga e uma física) e um homem (físico). Todos entraram na França com visto de longa permanência na categoria “científico”, mas um deles já havia obtido o título de residente, evidenciando, através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado e de seus

próprios anseios pessoais, uma situação de instalação “definitiva” ou de um “fluxo voluntário de caráter irreversível” (DOMENACH e PICOUET, 1990).

Apresenta-se, a seguir, um quadro com os seis casos de migração de profissionais qualificados identificados pela pesquisa de campo (Quadro 1).

Quadro 1 - Quadro resumo dos profissionais altamente qualificados entrevistados na França (2012)

Nº	Nome fictício entrevistado/a	Cidade/Local da entrevista	Idade*	Ano de Chegada na França	Ano Retorno ao Brasil	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída do Brasil	Documento francês	Profissão na França
1	Darci	Paris, França	58	2009	Sem previsão	Interior do RS	Brasília	visto científico	Pesquisadora
2	Fernanda	Paris, França	31	2010	Sem previsão	São Paulo	São Paulo	visto científico	Pós-doutoranda
3	Geraldo	Paris, França	50	2008	Sem previsão	Interior de SP	Interior de SP	visto "salaríé"	Engenheiro Elétrico
4	Horácio	Paris, França	58	2013	2014	Curitiba	São Paulo	visto "salaríé"	Engenheiro Elétrico
5	Leonardo	Leste da França	46	2005	Não pretende retornar	Cuiabá	Recife	título residente	Pesquisador
6	Marcela	Norte de Paris	42	2006	2012	São Paulo	São Paulo	visto "salaríé"	Direção em cargo administrativo

*Em 2012, quando ocorreu a entrevista.

Fonte: Elaboração própria, resultado de pesquisa de campo de maio a outubro de 2012.

3.2. Migração estudantil

Em relação aos estudos, diversos entrevistados declararam que a ida para a França resultou de um interesse de estudar fora do País. A experiência internacional no processo de escolarização e profissionalização tem representado, no caso brasileiro, uma estratégia pessoal distintiva num mercado simbólico que valoriza o cosmopolitismo, dado que a difusão mais recente do acesso ao ensino superior no Brasil repercutiu em um “desgaste de credenciais” e engendrou a adoção de novas “estratégias” de distinção (MAZZA, 2009). A escolha pela França foi, em alguns casos, justificada por um interesse específico pelo idioma ou pelo pensamento francês, mas, em outros casos, resultou de “oportunidades” tais como obtenção de bolsas de estudos, facilidade dada pela política de acolhimento de estudantes estrangeiros naquele país ou, ainda, pelo menor custo, quando se compara a financiar os estudos em países como os Estados Unidos ou a Inglaterra. As taxas que vigoram nestes países, conforme foi revelado por alguns

entrevistados, foram decisivas para fomentar a ida para a França, que se colocou como a opção de mais baixo custo.

No universo dos entrevistados, foram identificados 20 casos nos quais o estudo apareceu como principal motivo para o brasileiro ir à França, ou ainda por ter sido estrategicamente utilizada a condição de estudante para viabilizar a entrada e a permanência documentada no país. Buscando aspectos mais gerais, é possível listar algumas categorias explicativas sobre os condicionantes e/ou motivações relacionados aos projetos migratório desses entrevistados: a) obtenção de uma bolsa de estudos; b) contato institucional prévio; c) interesse particular pela França; d) incentivo de amigos ou parentes que iam para a França, ou que lá estavam; e) desejo de sair do Brasil e/ou estudar fora com aspectos a favor da França.

Nos casos dos entrevistados que escolheram efetivamente a França – e não outro país qualquer –, é possível perceber uma afinidade anterior com o idioma (estudavam ou estudaram a língua antes de ir) e uma inclinação particular pelas ideias e/ou cultura francesa. A escolha de estudar na França resulta de um interesse que pode ter uma origem “inexplicável”, pois muitas vezes os depoimentos sugerem um desconhecimento das relações “objetivas” que estariam por trás destas inclinações.

No caso da mobilidade estudantil, é importante destacar o papel de projetos de cooperação e/ou convênios, que viabilizaram a ida de alguns brasileiros como bolsistas. Nesses casos, mesmo em se tratando de mobilidades de curta ou média duração, os laços estabelecidos podem sustentar deslocamentos posteriores.

Quadro 2 - Quadro-resumo dos entrevistados que foram à França estudar

Nº	Nome fictício entrevistado/a	Cidade/Local da entrevista	Idade*	Ano de Chegada na França	Ano de Retorno ou Planos de Retorno	Área dos estudos	Nível da Formação	Motivação principal para ir estudar na França	Tipo de documento/visto na França na época da entrevista
1	Adalberto	Lyon, França	25	2011	Sem definição	Engenharia Mecânica	Pós-Graduação	Obtenção de uma bolsa de estudos	visto de estudante
2	Arthur	Aix-en-Provence, França	42	2006	Sem definição	Música	Graduação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	visto de estudante
3	Bianca	Lyon, França	26	2011	Sem definição	Direito	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto de estudante
4	Elis	Sul da França	38	2005	Planeja voltar no médio prazo	Línguas - Idioma francês	Formação	Interesse particular pela França	visto de vida familiar
5	Fabiana	Paris, França	23	2009	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Graduação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante
6	Felipe	Aix-en-Provence, França	31	2011	2012	Economia	Pós-Graduação	Contato institucional prévio	visto de estudante
7	Gustavo	Lille, França	27	2008	Sem definição	Ciência Política	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto "salarié"
8	Humberto	Paris, França	29	2005	2012	Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante
9	Isabel	Paris, França	34	2005	Não planeja voltar	História	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	cidadania italiana
10	Kelly	Paris, França	32	2002	Sem definição	Música	Pós-Graduação	Contato institucional prévio	visto de vida familiar
11	Malu	Rennes, França	46	2005	Não planeja voltar	Idioma francês	Formação	Interesse particular pela França	cidadania francesa
12	Milena	Paris, França	32	2007	Sem definição	Idioma francês	Formação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	visto de estudante
13	Plínio	Paris, França	38	1998	Não planeja voltar	Música	Graduação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	cidadania francesa
14	Raquel	Paris, França	31	2008	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	cidadania espanhola
15	Renato	Estrasburgo, França	30	2009	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante
16	Roger	Paris, França	48	1995	Não planeja voltar	Línguas - Idioma francês	Formação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	título de residente
17	Sabrina	Estrasburgo, França	27	2009	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante
18	Sônia	Lyon, França	48	1990	Não planeja voltar	Literatura	Pós-Graduação	Presença de amigos/parentes na França	cidadania francesa
19	Suzana	Paris, França	38	2003	Não planeja voltar	Jornalismo	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto de vida familiar
20	Valentina	Aix-en-Provence, França	35	2010	Planeja voltar em meados de 2014	Economia	Pós-Graduação	Contato institucional prévio	visto de estudante

*Em 2012, quando ocorreu a entrevista.

Fonte: Elaboração própria, resultado de pesquisa de campo de maio a outubro de 2012.

Considerando o universo dos entrevistados que foram à França para estudar, o alongamento do tempo de permanência naquele país foi verificado em diversas trajetórias. Entre os casos classificados como migração estudantil, 12 ainda estudavam, mas 8 continuavam mesmo após o término dos estudos. Entre esses ex-estudantes, para quatro deles a estada mais duradoura ou definitiva não envolveu uma relação afetiva com francês, que se efetivou em matrimônio, como ocorreu nos demais casos.

No Quadro 2, tem-se uma sistematização das informações que caracterizam os 20 brasileiros/as entrevistados/as.

3.3. Migração laboral

Os brasileiros que foram à França e que alegaram como motivação aspectos relativos ao trabalho (tendo em vista o intuito de melhorar padrão de vida ou conseguir juntar dinheiro) foram incluídos na modalidade chamada migração laboral.

A situação da economia brasileira na primeira década do século XXI melhorou expressivamente em relação aos anos 1980, quando se iniciou o processo emigratório. Mas, como já foi argumentado, fatores de expulsão e de atração não são mais suficientes para explicar as migrações. Uma evidência disso é que dos 23 brasileiros identificados como “migrantes laborais”, 7 chegaram à França com uma experiência anterior de migração internacional. Houve casos de que a ida à França foi pensada exatamente por se desconsiderar a possibilidade de retornar ou de permanecer no Brasil após uma experiência prévia de emigração internacional. Dois entrevistados foram à França “fugindo” da crise econômica na Espanha, onde viviam anteriormente. Outros dois brasileiros haviam reemigrado do Brasil após terem vivido na Inglaterra e de terem sido repatriados ao Brasil porque estavam em condição indocumentada.

Em relação aos 23 classificados como migração laboral, tem-se que a maioria dos homens trabalhava em serviços ligados a reforma de residências e prédios, atividades associadas ao setor da construção civil. Há fortes indícios de que a entrada dos brasileiros nesse segmento do mercado de trabalho tenha sido facilitada pela forte presença portuguesa na atividade. Existe uma antiga e volumosa migração portuguesa para a França; os trabalhadores portugueses estariam até os dias de hoje “super-representados” nesse ramo da atividade em relação aos franceses e a outros grupos estrangeiros (CORDEIRO, 1999).

A recente imigração brasileira beneficia-se da presença de imigrantes portugueses e de seus descendentes, particularmente vinculados a esse ramo de atividade. Isto porque a barreira linguística para trabalhadores brasileiros manuais tende a desaparecer

ou a ser minimizada quando se trata dessas atividades ligadas aos portugueses; nesse contexto, os brasileiros conseguem arrumar trabalho mesmo quando não falam o francês.

Em relação às mulheres, seguindo os passos dos homens que trabalham com portugueses na construção civil, as brasileiras tendem a exercer algumas atividades peculiares aos grupos imigrantes e em segmentos que também concentram ou concentraram portuguesas, como serviços de limpeza, que podem ser a realização de faxinas em residências ou limpeza de escritórios comerciais, além do serviço de zeladoria, que em francês chama-se “concierge” ou “gardienne d'immeuble”, que também foi uma ocupação bastante comum das imigrantes portuguesas na França.

Apesar dessa sintonia entre a presença de imigrantes portuguesas nesse ramo de serviços, a inserção ocupacional das brasileiras nas atividades de cuidado remete a um cenário mais amplo. O significado desta prevalência laboral está intimamente relacionado ao funcionamento da economia global e ao crescimento das atividades ligadas ao cuidado (MOROKVASIC, 2010; ZELIZER, 2008).

Outro segmento que agrega muitos dos brasileiros que vivem na França refere-se ao universo artístico, que é bastante receptivo em comparação com as possibilidades de inserção laboral que os artistas encontram no Brasil (REIS, 2012). Foi entrevistada quase uma dezena de imigrantes que trabalhavam ou trabalharam na França como artistas, envolvendo atividades de dança, canto, música, ensino de capoeira, etc. Também se verificou um fluxo antigo, que se mantém ainda hoje, de transexuais que trabalham no mercado de sexo (VALE, 2009).

O quadro 3 organiza os entrevistados que compuseram a modalidade de migração laboral.

Quadro 3 - Quadro-resumo dos entrevistados que foram à França para trabalhar

Nº	Nome fictício entrevistado(a)	Cidade/Local da entrevista	Idade*	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída do Brasil	Outro país de residência anterior a França	Documento francês	Retorno	Nacionalidade do Cônjuge	Atividade/Ocupação principal na França	Remessas para o Brasil
1	Adalto	Paris, França	27	2011	Interior de GO	Goiânia	Inglaterra	Indocumentado	?	Francesa (noiva)	Trabalhador construção civil	Não informou
2	Alex	Marselha, França	28	2012	Sul da BA	São Paulo	Espanha	Visto residente espanhol	Não	Brasileira (e espanhola)	Cozinheiro	Não informou
3	Armando	Paris, França	36	2008	Interior de MG	Interior do Espírito Santo	Inglaterra e Portugal	Indocumentado	Sim	Brasileira	Empresário e trabalhador da renovação de imóveis	Não informou
4	Augusto	sul de Paris, França	21	1993	Salvador	Salvador	-	Nacionalidade Francesa	Não	Foi casado com francesa	Professor de Capoeira	Não
5	Beatriz	Região de Nice, França	21	1997	Salvador	Salvador	-	Título de residente	Sim	-	Produtora cultural	Sim
6	Bernardo	Norte de Paris, França	30	2008	Interior de MG	Interior de MG	-	Indocumentado	Sim	-	Pintor de paredes	Sim
7	Carlos	Marselha, França	40	2003	Interior do PR	Poconé - MT	-	Título de residente	Sim	-	Motorista	Sim
8	Catarina	Paris, França	25	2012	Interior do PR	Curitiba	-	Indocumentado	?	Brasileira	Faxineira	Não informou
9	Cicero	Estrasburgo, França	35	2010	Salvador	Salvador	-	Visto "benevole"	?	Brasileira	Professor de Capoeira	Não
10	Dalva	Paris, França	46	2002	Interior da BA	São Paulo	Portugal	Nacionalidade Portuguesa	Não	Portuguesa	Faxineira	Sim
11	Ivan	Paris, França	47	2001	Goiânia	Campo Grande	Guiana Francesa	Nacionalidade Francesa	Não	Brasileira	Operador de empilhadeira	Não informou
12	Larissa	Paris, França	36	2008	Belo Horizonte	Interior de MG	-	Indocumentado	Sim	-	Faxineira e manicure	Não informou
13	Miguel	sul de Paris, França	32	2004	Interior de MG	Campinas	-	Visto "salaríé"	Não	Brasileira	Trabalhador construção civil	Sim
14	Nara	sul de Paris, França	26	2004	Interior de MG	Interior MG	-	Visto de estudante	Não	Brasileira	Foi babá, estava estudando	Não
15	Nilson	Norte de Paris, França	33	2006	Interior de GO	Goiânia	-	Título de residente	Não	Brasileira	Trabalhador construção civil	Sim
16	Norberto	sul de Paris, França	47	2009	Curitiba	Curitiba	Espanha	Nacionalidade italiana	?	Brasileira (e italiana)	Empresário e trabalhador da renovação de imóveis	Não informou
17	Osmar	Paris, França	41	2002	Salvador	Salvador	Suíça	Indocumentado	Não	Foi casado com francesa (divorciado)	Músico percussionista	Não informou
18	Rafaela	Paris, França	30	2007	Recife	Recife	-	Indocumentado	?	Brasileira	Porteira/zeladora	Não informou
19	Samuel	Paris, França	31	2005	Vitória	Vitória	-	Não informou	?	Francesa	Empresário e trabalhador da construção civil	Sim
20	Tadeu	Paris, França	30	2005	Teresina	Teresina	-	Visto de vida familiar	Sim	Francesa (separado)	Artista de circo	Sim
21	Tamyres	Paris, França	35	2001	Interior de SP	Bauru	-	Não informou	Sim	Francesa (PACS desfeito)	Atriz e profissional do sexo	Sim
22	Tiago	Marselha, França	31	2006	Litoral de São Paulo	Litoral de São Paulo	-	Visto de vida familiar	Não	Francesa	Professor de Capoeira	Sim
23	Waleska	Paris, França	35	2002	Fortaleza	São Paulo	-	Visto de vida familiar	Sim	Francesa (PACS)	Maquiadora e profissional do sexo	Sim

*Em 2012, quando ocorreu a entrevista.

Fonte: Elaboração própria, resultado de pesquisa de campo de maio a outubro de 2012.

3.4. Migração afetiva

Como já foi mencionado, a “era da mobilidade” estimula as pessoas a se deslocar, e às vezes até mesmo o exige. O crescimento do número de viagens internacionais, a maior circulação de estudantes pelo globo e até a ampliação dos espaços da migração laboral são indícios de espacialidades ampliadas; acessíveis até mesmo a sedentários, pois, com as novas TICs e suas ferramentas, as pessoas movem-se virtualmente e estabelecem novas formas de presença. Este é o cenário que alimenta e institui os

chamados espaços transnacionais, nos quais crescem os casamentos binacionais (PISCITELLI, 2009; ROCA GIRONA, 2007).

Nesse contexto, as migrações motivadas pela afetividade ganham destaque. Isso pode ocorrer no âmbito dos deslocamentos familiares, nos quais os cônjuges migram para preservar a unificação familiar, ou ainda com as mudanças motivadas “por amor”, casos em que a migração é resultado de uma relação amorosa estabelecida com um parceiro estrangeiro.

De acordo com os dados do Insee, de 2007 a 2011, os casamentos franco-brasileiros representam cerca de 2% de todos os casamentos mistos realizados a cada ano no período citado. Foram registrados cerca de 600 casamentos por ano entre franceses e brasileiros nos referidos anos. Em relação ao sexo dos cônjuges, os dados indicam predominância de casais formados por mulheres brasileiras e homens franceses.

Entre os entrevistados, foram identificados 26 casos em que o mote para a migração teve caráter matrimonial, isto é, emigração do Brasil e imigração na França foi motivada pelo casamento, pois o deslocamento efetuado foi realizado e/ou viabilizado devido à formação familiar. Destes casos, sete situações foram de brasileiros que conheceram seus cônjuges franceses na França: seis mulheres estavam naquele país trabalhando, estudando ou em viagens de lazer, e um homem estava a passeio. Por outro lado, em 19 casos, o início do relacionamento com cônjuge estrangeiro (18 franceses e 1 canadense) ocorreu no Brasil ou em um terceiro país.

Entre os casos de relacionamentos iniciados fora da França, há 14 ocorrências nas quais o/a cônjuge brasileiro/a conheceu o/a cônjuge estrangeiro/a no Brasil e 5 casos nos quais o casal se formou em outro país (Inglaterra, Austrália, Suíça, Irlanda e Guiana Francesa). No âmbito dessas migrações “por amor”, têm-se os casos de duas entrevistadas que foram à França para permanecer com seus respectivos cônjuges brasileiros que já lá estavam por motivo de trabalho. O Quadro 4 apresenta informações sistematizadas sobre esses imigrantes.

Quadro 4 - Quadro-resumo dos entrevistados que foram à França devido a relacionamento afetivo

Nº	Nome fictício entrevista do/a	Cidade/Local da entrevista	Idade*	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Onde Conheceu o cônjuge	Nacionalidade do cônjuge na ocasião da migração	Documento francês	Retorno	Ocupação/atividade no Brasil	Ocupação/atividade na França
1	Alexandra	Paris, França	44	1995	Recife	Paris, França	Francesa	Nacionalidade francesa	Não	Jornalista	Atendente papelaria
2	Álvaro	Aix-en-Provence, França	40	2005	Porto Seguro	Londres, Inglaterra	Francesa	Nacionalidade francesa	Sim	Agente de Turismo	Artesão
3	Amanda	Lyon, França	25	2011	Interior do RS	Austrália	Francesa	Visto de Estudante	Não sabe	Estudante	Estudante e babá
4	Angelina	Aix-en-Provence, França	26	1988	Rio de Janeiro	Maceió, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Não sabe	Estudante	Garçonete
5	Baltazar	Marselha, França	48	1989	Interior da BA	Salvador, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Não sabe	Jogador de Futebol	Artista
6	Cecília	Aix-en-Provence, França	58	1990	São Paulo	sul da França	Francesa	Nacionalidade francesa	Não sabe	Gerente de Loja	Bibliotecária
7	César	Marselha, França	29	2006	Olinda	Olinda	Francesa	Título de Residente	Não sabe	Músico	Músico
8	Clara	Aix-en-Provence, França	42	2005	Natal	Bahia, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Não	Jornalista	Serviços de Turismo
9	Diana	Montpellier, França	50	1991	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Não sabe	Produtora e bailarina	Produtora cultural
10	Fátima	Marselha, França	39	2011	Belém	Paris, França	Francesa	Visto de Vida familiar	Provável	Professora	Tutora em Universidade
11	Flávia	Paris, França	39	2006	Rio de Janeiro	Paris, França	Francesa	Título de Residente	Não	Professora universitária	Desempregada
12	Ivone	Marselha, França	58	1991	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, Brasil	Francesa	Título de Residente	Não	Jornalista	Não trabalha
13	Joana	Marselha, França	30	2003	João Pessoa	Rio de Janeiro, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Não	Manicure	Manicure
14	Jonas	Marselha, França	44	1995	Canoa Quebrada	Canoa Quebrada, Brasil	Francesa	Visto de Vida familiar	Sim	Professor de Capoeira	Professor de Capoeira
15	Leandra	Lyon, França	32	2010	Interior de MG	Brasil	Brasileira	Visto de Vida Familiar	Não	Jornalista	Estudante
16	Lígia	Rennes, França	44	2004	Recife	Recife, Brasil	Francesa	Visto de Vida familiar	Não	Atendente telefônica	Cuidadora de criança
17	Luiz	Marselha, França	44	2004	Criciúma, SC	Suíça	Francesa	Nacionalidade italiana	Não sabe	Músico	Músico
18	Maristela	Marselha, França	32	2009	Macapá	Macapá, Brasil	Canadense	Visto de Vida familiar	Não sabe	Enfermeira	Manicure
19	Olívia	Aix-en-Provence, França	52	1992	Interior de MG	Arraial D'Ajuda, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Sim	Empresária (Pousada)	Secretária
20	Paula	Região de Nice, França	28	1998	Niterói	sul da França	Francesa	Nacionalidade francesa	Não	Estudante universitária	Assistente administrativa
21	Regiane	Rennes, França	37	2000	Interior de MG	Varginha, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Sim	Estudante	Estudante
22	Renan	Paris, França	30	2006	Salvador	França	Franco-brasileira	Não informou	Não sabe	Jogador de Futebol	Empresário
23	Rosa	Paris, França	45	2008	Interior de SP	Brasil	Brasileira	Visto de Vida Familiar	Não sabe	Empresária	Não trabalha
24	Rubens	Rennes, França	36	1990	Interior de MG	Salvador, Brasil	Francesa	Nacionalidade francesa	Sim	Bailarino	Bailarino
25	Rúbia	Rennes, França	25	2010	Interior do RS	Irlanda	Francesa	Visto de Vida familiar	Não sabe	Estudante e gerente de loja	Estudante, Manicure e depiladora
26	Tânia	Rennes, França	42	2007	Interior de SP	Interior de SP, Brasil	Francesa	Visto de Vida familiar	Sim	Advogada e professora	Desempregada
27	Úrsula	Marselha, França	25	1997	São Paulo	Montpellier, França	Francesa	Título de Residente	Não	Jornalista	Analista em Organismo Internacional
28	Wanda	Aix-en-Provence, França	60	2009	Belém	Caïena, Guiana Francesa	Francesa	Indocumentado	Não	Vendedora autônoma	Desempregada

*Em 2012, quando ocorreu a entrevista.

Fonte: Elaboração própria, resultado de pesquisa de campo de maio a outubro de 2012.

3.5. Migração “cosmopolita”

Consideraram-se “migração cosmopolita” os casos de deslocamento por predisposição dos agentes em “acolher a migração”, indivíduos que mostraram interesse em conhecer outras culturas ou em viajar. São agentes cujas disposições conformam um “gosto” pela mobilidade, que reconhecem ser a mobilidade expressão de seus “estilos de vida” (BOURDIEU, 2004).

Os entrevistados associados à modalidade de “migração cosmopolita”, apesar de manifestar algumas nuances entre eles, revelaram – em seus depoimentos – processos migratórios bastante semelhantes, principalmente na forma como se evidenciou “esta imaginação, esta criação de um mundo predisposto a acolher a migração” (MA MUNG, 2009, p. 35, tradução nossa)⁷. Ao mesmo tempo, foi neles identificado um relativo alto nível de autonomia. Isto se manifestou na forma como conceberam e realizaram os respectivos projetos migratórios (MA MUNG, 2009).

Neste sentido, os entrevistados indicaram um *habitus* particular que associamos a um “cosmopolitismo” no sentido que lhe deu Barretto (2009), como “propensão à mobilidade” (p. 4). Giddens (1991) não se refere às palavras “cosmopolita” ou “cosmopolitismo”, porém aborda essa dimensão quando fala em uma “abertura do indivíduo para o outro” (p. 123, grifos do autor). Esta frase está inserida em sua argumentação sobre os diferentes padrões de confiança que se estabelecem antes e depois da modernidade. Isso porque, apesar de haver na sociedade moderna instituições sociais que garantiram mais segurança aos indivíduos, as chamadas “consequências da modernidade” engendraram “riscos” e “perigos” que reforçam a necessidade de as pessoas confiarem em sistemas abstratos e em princípios impessoais; daí a ênfase na necessidade de se “abrir para o outro”. Aliás, esta abertura serve também para orientar a busca de uma “autoidentidade” em uma “situação na qual a construção do eu se torna um projeto reflexivo” (GIDDENS, 1991, p. 116).

Entretanto, como é de se esperar, a facilidade e o conforto que os agentes encontram na experiência de viver a “modernidade” e “suas consequências” – segundo a abordagem de Giddens - não são homogêneas. A posição no espaço social e os “trunfos” de que os agentes podem dispor (BOURDIEU, 2004) revelam a habilidade com a qual se adaptam a um mundo marcado pela mobilidade crescente (URRY, 2000).

Ainda que se reconheça que alguns migrantes “enquadrados” na modalidade migratória “laboral” ou “afetiva” possam ter a mesma disposição para “ser móvel”, a diferença manifesta-se no peso relativo dos constrangimentos estruturais. Estes

⁷ No original: “Cette imagination, cette création d’un monde predisposée à accueillir la migration” (MA MUNG, 2009, p. 35).

“migrantes cosmopolitas” tiveram poucos obstáculos, ou quase nenhum, para realizar seus projetos migratórios. Isto se explica pela posse de capital econômico e cultural em quantidade ou forma privilegiada ou, ainda, por terem acesso às facilidades jurídicas garantidas pela cidadania europeia, obtida por origem familiar. Tais facilidades viabilizaram seus projetos migratórios, mesmo quando não tinham o suporte de capital social, que tendem a servir como facilitadores dos deslocamentos. O Quadro 5 sintetiza as informações desses migrantes “cosmopolitas”.

Quadro 5 - Quadro-resumo dos entrevistados que foram identificados como “migrantes cosmopolitas”

Nº	Nome fictício entrevistado/a	Cidade/Local da entrevista	Idade*	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída do Brasil	Outro país de residência anterior a França	Outra nacionalidade	Documento francês	Retorno	Ocupação
1	Alberto	Paris, França	50	1990	Recife	Campinas	-	-	Nacionalidade francesa	Não	Psicanalista
2	Cassiano	Paris, França	35	2006	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	-	Portuguesa	-	Sim	Músico
3	Elba	Paris, França	53	1985	Rio de Janeiro	Salvador	-	-	Nacionalidade francesa	Não	Tradutora
4	Érica	Marselha, França	32	2010	São Paulo	São Paulo	Irlanda	Italiana	-	Não sabe	Manicure
5	Guilherme	Marselha, França	Não informou	2010	Interior do RS	São Paulo	Itália	Italiana	-	Não	Gerente de Loja
6	Marcílio	Lyon, França	38	2012	São Paulo	São Paulo	Canadá, Inglaterra e Itália	Italiana	-	Não	Funcionário de Empresa Multinacional
7	Rômulo	Aix-en-Provence, França	46	1994	Belo Horizonte	São Paulo	Alemanha e Inglaterra	-	Visto de Residente	Não sabe	Empresário

*Em 2012, quando ocorreu a entrevista.

Fonte: Elaboração própria, resultado de pesquisa de campo de maio a outubro de 2012.

Considerações finais

As relações históricas entre o Brasil e a França, particularmente no âmbito intelectual e artístico, favoreceram a difusão – ao menos em certos grupos sociais – que associa esse país europeu à sofisticação do pensamento e à erudição. Essa inclinação “típica” da França para o mundo das ideias estaria na raiz de um fluxo importante e histórico de estudantes e pesquisadores brasileiros que buscavam entrar em contato com a “vigorosa” intelectualidade francesa. Essa francofilia mostrou-se tão forte que, mesmo diante da emergência e da consolidação da hegemonia cultural estadunidense no Brasil ao longo do século XX, a mobilidade de estudantes brasileiros para a França continuou expressiva.

No entanto, como procuramos demonstrar neste trabalho, o fluxo migratório Brasil-França das últimas três décadas evidencia uma maior complexidade, que remete ao contexto atual e às novas formas de mobilidade que aí se manifestam.

Os caminhos que levam brasileiros a migrar para a França não são os mesmos para diferentes perfis de migrantes. Profissionais qualificados, trabalhadores manuais, estudantes, migrantes “por amor” e “cosmopolitas” deixaram o Brasil pela França em função de interesses e estratégias diversas, que guardam intrínsecas relações com processos sociais que viabilizaram, suportaram e direcionaram esses deslocamentos. A discussão aqui apresentada, fundamentada na pesquisa de campo, procurou expor e analisar o caráter multifacetado do fluxo migratório Brasil-França das últimas décadas.

A localização geográfica da França e sua posição estratégica na Europa não devem ser subestimadas. O continente europeu tornou-se, desde a década de 1980, um rumo para migrantes brasileiros, que, em um primeiro momento, foram majoritariamente para Portugal, Itália, Inglaterra e Espanha. Mais recentemente, seu número tem crescido na Bélgica, França, Suíça e Alemanha. Entre 2008 e 2010, segundo as estimativas do MRE, o número de brasileiros teria duplicado na França e na Alemanha, além de ter crescido na Bélgica. Esses elementos indicam que a presença de brasileiros na Europa vem assumindo novas configurações, aspecto que pode ser associado, de um lado, aos impactos mais negativos da crise econômica de 2008 sobre alguns países (principalmente Portugal e Espanha) e, por outro, às novas possibilidades de circulação que se abrem no espaço de livre circulação europeu. Os usos que os brasileiros podem fazer desse território ampliam-se e podem repercutir em novas “criações migratórias”, redefinir formas de instalação e instituir novos espaços migratórios. Sabemos muito pouco sobre a “circulação” dos brasileiros na Europa, mas é possível presumir que o espaço europeu cria uma estrutura de oportunidades para os emigrantes brasileiros e, neste sentido, o aumento da presença de brasileiros, inclusive em “novos” países, tende a potencializar as oportunidades que se colocam àqueles que já estão na Europa, àqueles que pretendem emigrar e aos que retornaram ao Brasil após uma experiência anterior de imigração.

Referências

- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. De estudante à migrante: percursos e percalços de brasileiros na França. In: PADILLA, Beatriz et al. (Org.). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa*. Lisboa: ISCTE, 2012. p. 69-83. Disponível em: < <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>>. Acesso em: 3 dez. 2012.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. *Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2013. 407 p.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de; BAENINGER, Rosana. Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Migração internacional*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 23-34
- AMORIM, Mariana Alves. *Para além de partidas e de chegadas: migração e imaginário entre o Brasil e a França, na contemporaneidade*. 2009. 296 p. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. “A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global”. *Caderno Pagu*, n.31, p. 219-250, jul./dez. 2008.
- BARRETTO, Margarita. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. *PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 7, n. 1, . p. 1-11. jan., 2009. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=88111633001>. Acesso em: 22 Jul. 2013.
- BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. Da França para o Brasil: contexto, emigração, interesses comerciais e ingerências consulares. In: *Vivre à St. Paul: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista*. 2007. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 14-148.
- BÓGUS, Lucia Maria. Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar”. In: PATARRA, Neide (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 111-121.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p.

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1994. 272 p.

CORDEIRO, Albano. Les portugais, une population ‘invisible?’. In: DEWITTE Philippe (dir). *Immigration et intégration: l’état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1999, p. 106-111.

CORTES, Geneviève; FARET, Laurent. La circulation migratoire dans l’ordre des mobilités. In: CORTÈS, Geneviève e FARET, Laurent (Orgs.). *Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009. p. 7-19.

DIMINESCU, Dana. Le migrant dans un système global de mobilités. In: CORTÈS, Geneviève e FARET, Laurent. (Orgs.). *Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009. p. 211-224.

DOMENACH, Hervé ; PICOUET, Michel. El caracter de reversibilidad en el estudio de la migracion. *Notas de población*, n. 49, p. 49-68. 1990.

DUMONT, Gérard-François. Les nouvelles logiques migratoires au XXIe siècle In: *Outre-Terre*, n. 17, 2006. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-outre-terre-2006-4-page-15.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2011. p. 15-25.

DUMONT, Jean-Christophe. Les migrations internationales de travailleurs qualifiés: des bénéfiques à partager. In: MOUHOUD, El Mouhoub (Dir) *Les nouvelles migrations: un enjeu Nord-Sud de la mondialisation*. Paris: Universalis, 2006. p. 79-96.

FAIST, Thomas. The crucial mesolevel. In: MARTINIELLO, Marco and RATH, Jan (ED.). *Selected studies in international migration and immigrant incorporation*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010. p. 59-90.

FERNANDES, Duval; NUNAN, Carolina; CARVALHO, Margareth. O fenômeno da migração internacional de retorno como consequência da Crise Mundial. *Revista de Estudos Demográficos*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, n. 49, 2011, p. 69-98. Disponível em: < <http://www.ine.pt>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991. 177 p.

HARVEY, David. A experiência do espaço e do tempo. In: _____. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editora Loyola, 1992. p. 185-289

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. In: _____ *Censo Demográfico 2010*. Rio de

Janeiro: IBGE, 2011. 270 p. Disponível em:
<<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>>. Acesso em: 14 out. 2013.

MA MUNG, Emmanuel. Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: 'penser de l'intérieur' les phénomènes de mobilité. In: DUREAU, Françoise et HILY, Marie-Antoinette (Dir.). *Les mondes de la mobilité*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009. p. 25-38.

MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994. 452 p.

MAZZA, Débora. Intercâmbios acadêmicos internacionais: bolsas Capes, CNPq e Fapesp *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n.137, maio./ago . p. 521-547. 2009

MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861). *Revista do IHGB*. a. 165, n. 423, abr./jun. 2004. 30 p. Disponível em: <<http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa e BAENINGER, Rosana (Org.) *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-40.

MOROKVASIC, Mirjana. Le genre est au cœur des migrations. In: FALQUET, Jules et al. (Dir.). *Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail*. Paris: Presses de Sciences Po, 2010. p. 105-119.

PALAU, Tomás. Brasiguaios. In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p. 345-360.

PATARRA, Neide e BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 78-88

PISCITELLI, Adriana. Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 31, 2009. 36 p.

PEREIRA, Marcio Rodrigues. Presença cultural francesa no Brasil. *Revista Travessia*. São Paulo: CEM,, n. 65. p. 89-100, set./dez. 2009.

REIS, Cacilda Ferreira dos. A minha casa é a Bahia/mas o mundo é meu lugar: as experiências de trabalho de músicos e dançarinos na França”. In: _____. *Sonhos, incertezas e realizações: as trajetórias de músicos e dançarinos afro-brasileiros no Brasil e na França*. 2012. p. 159-242. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ROCA GIRONA, Jordi. Migrantes por amor. La búsqueda y formación de parejas transnacionales. *Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 2, n. 3, 2007. 30 p. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=62320303>. Acesso em: 2 ago. 2013.

ROLLAND, Denis. L'exil des disctatures: impact conjoncturier dans la présence latino-américaine en France?. In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos e ROLLAND, Denis. *L'exil brésilien en France: histoire et imaginaire*. Paris: L'Harmattan, 2008. p. 185-205.

ROSENFELD, Martin et al. Immigration brésilienne en Europe: dimension transnationale. *Hommes & Migrations*, n. 1.281, p. 54-63. 2009.

SALES, Teresa. Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Campinas, v. 8, n. 1/2, p. 21-32. jan./dez. 1991.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento Dekassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: SALES, Teresa; e REIS, Rossana Rocha (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 243-274.

SASSEN, Saskia. *La movilidad del trabajo y del capital*. Tradução: Beatriz Knorr Alonso. Madri: Ministério de Trabajo y Seguridad Social, 1993. 304 p.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da Globalização*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010. 240 p.

SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. Rio de Janeiro: FINEP, 1979. 481p.

SIMON, Gildas. *La planète migratoire dans la mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2008. 255 p.

TARRIUS, Alain. Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants. In: *Annales de la Recherche Urbaine*. n. 59-60, p. 51-60. 1993. Disponível em: <http://libertaire.free.fr/Tgvo3.html>. Acesso em: 20 abr. 2011.

TAVARES, Aurélio de Lyra. *Brasil-França: ao longo de cinco séculos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 335 p.

TILLY, Charles. *Transplanted networks*. New York: New Scholl of Social Research, 1986. 16 p. Disponível em: <<http://faculty.utep.edu/Portals/1858/Tilly%201986%20Transplanted%20Networks.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2011.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo social*, Revista de Sociologia da USP, v.20, n.1, p. 199-218. jun. 2008.

URRY, John. Societies. In: _____. *Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century*. Florence, KY, USA: Routledge, 2000. p. 1-20.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. Migração, sexualidade e prostituição: travesti e transgêneros no Bois de Boulogne. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33, 2009, Caxambu. *Anais...* São Paulo: ANPOCS, 2009. 28 p.

VIDEIRA, Pedro. A mobilidade internacional dos cientistas: construções teóricas e respostas políticas. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida e BENTO, Sofia (Eds.) *Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013. p. 138-162. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/120/showToc>. Acesso em: 22 jun. 2013

WAGNER, Anne-Catherine. *Les nouvelles élites de la mondialisation: une immigration dorée en France*. Paris: Presses Universitaire de France, 1998. 236 p.

WIHTOL DE WENDEN, Catherine. Un essai de typologie des nouvelles mobilités. *Hommes & migration*, nº 1.233, p. 5-12, 2001.

XAVIER DE BRITO, Angela. “Avec du cœur au ventre”: l’expérience des Brésiliens non boursiers à Paris. In: AGULHON, Catherine; XAVIER DE BRITO, Ângela. (Org.). *Les étudiantes étrangers à Paris*. Paris: L’Harmattan, 2009. p. 41-70.

XAVIER DE BRITO, Angela. *Construction de l’espace de formation brésilien et études à l’étranger*. Stratégies et carrière morale des étudiants brésiliens dans l’Université française, 1960-1986, 1991, 2 v. 503 p. Thèse (Doctorat en Sociologie) - Université René Descartes-Paris, 1991.

ZELIZER, Viviana. L’Économie du care. *Revue Française de Socio-Économie*, n. 2, p. 13-25, 2008. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-francaise-de-socio-economie-2008-2-page-13.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

Recebido em: 20/02/2014
Aprovado em: 22/04/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista PerCursos
Volume 15 - Número 28 - Ano 2014
revistapercursos@gmail.com